

ENTREVISTA COM MARCELO PALHARES

ASSESSORIA TÉCNICA

DATA:16/05/2019

LOCAL: ESCOLA DE ARQUITETURA

PARTICIPANTES:

Roberto Eustaáquio

Giselle

Josiany

Herbert

Raul

Marcelo

TAGS:

Dados Gerais

Habitação

Relações de vizinhança e ações comunitárias

Fase de projeto

SIGLAS (em ordem de aparição):

PUC - Pontifícia Universidade Católica

UEMP - União Estadual por Moradia Popular

URBEL - Companhia Urbanizadora de Belo Horizonte

APP - Área de Preservação Permanente

ART - Anotação de Responsabilidade Técnica

CAU - Conselho de Arquitetura e Urbanismo

RRT - Registro de Responsabilidade Técnica

CND - Certidão Negativa de Débito

[Dados gerais]

Marcelo: Gabriel está aqui, Raul... é até legal falar disso, que esse trabalho a gente fez, acho que foi 2004 que começou e demorou quase 2 anos para terminar e foi tipo um pontapé do escritório, porque a gente montou o escritório logo que formou e no início a gente fazia muita reforminha de apartamento, fazia a obra, imagem 3d que estava começando na época, então a gente vendia esse serviço. E o Santa Rosa foi a primeira oportunidade que a gente teve de fazer um projeto importante, um projeto grande. Na época nós éramos quatro sócios, que era eu, Gabriel Felipe e Mateus e tinha participação de uma quinta arquiteta que era Natalia que era e esposa do Gabriel.

Roberto: Como vocês se envolveram no projeto?

Marcelo: Foi um convite da Universidade. Quem nos convidou foi pixote. Teve uma assessoria da PUC, eu acho que em cada escola funcionou de uma forma. Ao mesmo tempo estava rolando no Isabela, aqui, e a gente tinha algum contato com as outras escolas, mas na PUC tinha uma ideia que a Pixote falava muito na época que era de criar um negócio que ela chamava de RUA, que era Residência em Urbanismo e Arquitetura. É a ideia que todo arquiteto recém-formado precisa, assim como um médico no hospital, seria importante para o arquiteto ter uma tutoria de um profissional mais experiente para ajudar nos primeiros anos de carreira. Então acho que isso orientou o jeito da PUC trabalhar na época. Foram escolhidos três grupos de arquitetos recém-formados e os três professores atuavam meio como consultores. A gente se reunia quase que semanalmente no início, depois foi mais espaçado, mas para tirar dúvida de técnica, de solução construtiva, de orientação de soluções especiais, etc.

Roberto: Então a assessoria era Peta Clécio e Pixote, da arquitetura... Essa assessoria tinha mais gente da PUC?

Marcelo: Da PUC tinha o Marcão que era advogado, agora ele está na arquitetura. Depois dessa experiência ele contava que impactou muito a vida dele a ponto de ele vir estudar arquitetura. E ele gostava muito, era interessado. Então além dele que fazia assistência jurídica, que consistia por exemplo em organizar os contratos de... a parte do trabalho que eu via ele fazendo era a parte de registro de convenção de condomínio, regimento interno, ele desenvolveu isso junto dos moradores. Eu acho que tinha algum outro trabalho paralelo dele que a gente não via, porque ele tinha que avaliar a documentação da família para ver se enquadrava nos esquemas de financiamento, etc. Além do Marcão tinha uma pessoa assistente social, eu esqueci o nome dela. Ela também era recém-formada e tinha orientação de uma professora que era Regina... ela era bem legal de trabalhar. Era assistente social, o Marcão.

Roberto: Tinha alguém da engenharia.?

Marcelo: Não, a engenharia foi toda terceirizada, depois a gente que escolheu os escritórios. Isso também ajudou muito a gente na experiência de escritório, porque foi o primeiro projeto que, além de ser grande, foi o primeiro que a gente trabalhou junto com a engenharia desde o início. Então a parte de compatibilização com estrutura, instalações, foi a gente que coordenou o trabalho deles, a gente que compatibilizou, e isso direcionou nosso trabalho na carreira até hoje porque hoje a gente trabalha principalmente com obras públicas, a gente faz pouco projeto privado, e a gente trabalha vendendo o pacote completo até hoje. A gente trabalha sempre fazendo projeto de arquitetura com todas as engenharias, então quando alguém me contrata eu sou responsável. Coordeno, gerencio, é uma equipe que não está dentro do meu escritório, mas são pessoas que estão com a gente há mais de 10 anos terceirizados e a gente que gerencia, entrega, corrige o trabalho deles e isso tudo começou por causa dessa experiência.

Roberto: Mas então a prefeitura contratou as assessorias e as assessorias convidaram vocês.

Marcelo: Não, que eu lembro, a prefeitura cedeu o terreno, que era um terreno, no bairro São Francisco eu acho. A prefeitura cedeu o terreno, a PUC entrou com a consultoria, com toda essa consultoria que ela organizou o processo. E a PUC que fazia os pagamentos. Eu não sei se o dinheiro que pagou a gente e os engenheiros veio da caixa ou da prefeitura. Mas eu sei que o pagamento

vinha através da PUC. Foi um contrato assinado na carteira de arquiteto por prazo temporário assinado com a PUC. Agora eu não lembro de onde vinha esse dinheiro, que eu acho que não vinha da PUC. Ela só recebia e fazia os repasses.

Roberto: Mas vocês respondiam à assessoria da PUC.

Marcelo: É. A participação da prefeitura nessa fase inicial foi de ceder o terreno e a associação de moradores, não lembro como que era a organização das associações. Selecionou as famílias, as 50 famílias, que houveram mudanças ao longo do processo. Teve uma que era uma senhora que estava quase no fim do processo e foi excluída porque não tinha condição de comprovar renda. Tinha uma renda mínima que eles tinham que comprovar e ela não tinha toda a documentação, então teve algumas famílias que saíram. Eu acho que tinha que comprovar até dois salários mínimos de família, e algumas famílias que não conseguiam o pessoal começou a orientar: "ó, começa a fazer doce para vender". Mesmo que fosse renda informal, a pessoa tinha que falar "ó, eu ganho isso vendendo doce".

(...)

Só um comentário, não sei se é importante para vocês, mas é onde eu ia começar a falar sobre a formação do escritório. Nessa época todos os sócios faziam de tudo, então todo mundo projetava, todo mundo captava cliente, todo mundo gerenciava, e ao longo do tempo a gente foi se organizando. Esse projeto foi muito importante para a gente se organizar porque a gente foi vendo que não dava para ficar os quatro trabalhando nesse projeto. A gente se reunia para fazer as discussões técnicas, a concepção, mas no dia a dia, na hora de gerenciar, fazer o contato com a PUC, com assistente social, com o Marcão, era um só. Então a partir disso a gente passou a centralizar, um gerenciando o projeto, e a gente fazendo a concepção em conjunto. E ao longo do tempo isso foi se aperfeiçoando. Hoje a gente setorizou. O Felipe hoje não faz projeto, ele só cuida de financeiro, administrativo e captação de clientes. O Gabriel fica com captação de cliente e projeto e eu cuido de projeto e RH. Então esse projeto foi bom porque a gente era muito novo e era muito grande, então a gente teve que aprender a trabalhar. Hoje é pequeno para a gente.

(...)

Eu apresentei os cinco arquitetos. Da Horizontes era eu, Marcelo, Gabriel, Felipe e Matheus. Matheus saiu da empresa, hoje somos esses. Aqui tem a equipe multidisciplinar, então estava como consultora a Leta, coordenador: Clécio e Pixote. Pixote é a Maria Elisa Batista. Para quem não conhece, a gente já está tão próximo... A coordenadora social era a Regina Coeli, a assistente social era a Maura Pereira, o jurídico era o Marco Antônio Borges e tinha duas agentes comunitárias, que eram a Lúcia Helena e Maria do Rosalvo. Isso era bem legal porque as duas eram moradoras de diferentes conjuntos que já tinham participado de um projeto não tão participativo igual esse, mas elas já tinham alguma experiência de projeto participativo. Então era legal a Lucia mais, era uma pessoa que conseguia conversar melhor, ela ajudava a gente às vezes, a gente que vinha cheio de preconceitos de zona sul, algumas coisas ela falava olha, não é bem assim que funciona não. Depois eu vou falar um pouco mais disso. Mas era bem legal a participação das duas. Numa delas, a Lucia morava no conjunto Urucuia, que é acho que no barreiro, eu acho o projeto bacana. Eu descobri porque numa das apresentações para a comunidade eu levei umas fotos que eu tinha de quando eu visitei o Urucuia como estudante. Aí na hora que eu abri as fotos ela falou "você está dentro da minha casa".

Aqui é a organização e viabilização do processo: o governo federal, através da caixa econômica, prefeitura, PUC Minas e a UEMP, União Estadual por Moradia Popular, que foi o grupo, a organização social que fez a seleção dos moradores. 50 famílias... Orçamento na época era 28 mil reais por unidade e o total 1 milhão e 400 mil reais. As unidades tinham 40 e poucos m², a gente vai chegar nisso lá na frente. E era um modelo, eu não lembro se já tinha o MCMV essa época, mas era um modelo de dois quartos. As gentes até durante o processo chegaram 50 famílias em que a maioria tinha mais de um filho, a gente falou né, não tem condição de ser só 2 quartos. Tentamos discutir para aumentar, mas não teve jeito, porque a Caixa não financiaria se tivesse mais de dois quartos. Até que tem uma história depois, de um outro conjunto que a gente fez, chamava Barraginha, que foi uma evolução do Santa Rosa. Depois do Santa Rosa a gente foi chamada para trabalhar lá, e lá a prefeitura peitou essa norma da Caixa de limitar em dois quartos, a gente fez um projeto que tinha 1 quarto, 2 quartos, 3 quartos e comércio integrado. Então como a caixa limitava em 2 quartos, a prefeitura de Contagem resolveu entrar com dinheiro para a complementar. E foi construído, o projeto é bem legal. Ele não ficou fiel... A gente previa várias cores diferentes, eles pintaram tudo de verde abacate. Ficou meio feio, mas o processo está todo lá.

Os objetivos principais: participação da comunidade, inclusão social, tinha a questão tecnológica, do desenvolvimento do processo tecnológico de alta qualidade na construção, geração de emprego. No início tinha uma discussão de que as pessoas que tivessem desempregadas teriam preferência para serem contratadas na obra. Eu não sei se isso aconteceu, mas existia essa ideia. E a última questão do objetivo era oferecer arquitetura de alta qualidade para a população de baixa renda. Eu vou mostrar os exemplos que a gente apresentou, a gente mostrou Jean Nouvel, mostramos projetos de todo tipo. O terreno está entre o anel e a Av. Antônio Carlos, do lado oposto ao campus da UFMG, mas bem próximo do anel. Aqui tem uma vista do terreno, essa mancha branca é o terreno, ele era ocupado ilegalmente por uma antiga fábrica de pré fabricados de concreto. Cobogó, bloco de concreto... Aqui a direita do terreno nessa imagem é um conjunto aqui que eu acho que é privado, e tem um gramado aqui que divide o nosso terreno da vila, eu não lembro o nome dessa vila, e aqui foi construído o conjunto Santa Rosa I, que é um projeto daqueles projetos padrão da URBEL, projetinho de gaveta, já está construído. E do lado a gente tirou essa foto aqui de um prédio abandonado que foi construído ali, não sei se foi para ser um hotel. É um prédio gigante, só o primeiro andar que é ocupado.

O Santa Rosa I acho que é até legal uma visita, comparar o projeto. Eu acho que eu ainda tenho o contato de uma das moradoras. Vou conferir, porque eu prometi que um dia eu ia visitar ela e não fui até hoje. Eu fui atender um outro cliente, na hora que eu cheguei lá, o cliente era a prefeitura. Ela trabalhava como funcionária da limpeza lá no zoológico. Aí ela me reconheceu "cê que fez minha casa". Essa imagem aqui é para mostrar a primeira reunião que a gente teve com a comunidade, para explicar como seria o processo. A gente se reuniu com um representante de cada família para não virar uma bagunça, cada família selecionou um representante. Então eram 50 pessoas mais a equipe de consultores. Nessas reuniões periódicas os professores da PUC não iam. Então iam só os arquitetos, a Maura e o Marcão.

Roberto: Teve um planejamento prévio dessas reuniões? Como vocês conceberam o processo?

Marcelo: Teve uma reunião inicial na PUC que eu não participei, Gabriel que foi, e nessa reunião eles deram orientações sobre como que ia ser o processo. Eu acho que a Leta que ajudava mais nessa parte de organizar as dinâmicas. A pixote mais na parte de desenho, de técnico. O Clécio também, mais na parte técnica, de solução espacial, de concepção. Eu não lembro, eu acho que a gente preparava durante a semana o que que a gente ia apresentar no sábado, mandava pra PUC por e-mail, o pessoal avaliava e dava o feedback para a gente.

Roberto: Então vocês se reuniam todo sábado, praticamente?

Marcelo: A gente se reunia todo domingo de manhã, durante três meses. Foram acho que no total passou de doze. Foram entre doze e catorze seminários. Era domingo, 8 da manhã, num galpão lá na Pampulha, eu não lembro a que servia. Teve alguns seminários que a gente conseguiu fazer na PUC, mas não era o ideal porque eu acho que ficava ruim para o deslocamento do pessoal das famílias.

Raul: Daí vocês levavam desenhos pra discutir...

Marcelo: Na primeira reunião a gente só explicou o processo, e se apresentou, eu sou Marcelo, arquiteto faz isso.... A gente falou "eu sou o seu cliente, igual eu faço uma casa de luxo lá nas Mangabeiras, é a mesma coisa, só que a prefeitura que está pagando meus honorários. Então nós vamos me cobrar horários de reunião, me passar as demandas de cada um como se vocês tivessem construindo a própria casa", a realidade era essa. Eu não lembro se isso foi a primeira ou a segunda, mas a gente começou explicando como que é ler um desenho arquitetônico. Então a gente já pegou uma planta dessas de construtora padrão, tipo MRV, tenda... pegamos uma planta padrão dum apartamento pequenininho, um folder de sinal, modelamos em 3d no Sketchup, e apresentamos primeiro o 3d. Entramos, fizemos um roteiro caminhando por dentro da casa. Todo mundo entendeu... tinha uma senhora que tinha mais dificuldade de entender, que era essa senhora que está na foto. Aí na hora que todo mundo entendeu o 3d aí a gente falou: "olha, planta é como se a gente tivesse passado uma faca aqui." Ai no 3d do Sketchup a gente mostrou aquela ferramenta de seção, cortando o modelo e colocando a visualização em 2d. Aí o pessoal falou "Ah! Então é assim que funciona". Aí a gente passou para o folder. Falamos: "olha então o folder que tu vens ilustrados desses que passam em propaganda de jornal ou em sinal de trânsito, distribuído em qualquer lugar, a planta nasce desse jeito".

[Fase de projeto]

Depois a gente passou por uma simulação, com fita crepe, a gente começou a desenhar no chão as dimensões padrão de cada cômodo, porque a gente já sabia a dimensão final do apartamento, que a caixa patrocinava 28 mil, a gente sabia mais ou menos o custo por m², tinha também um limite de área. A gente sabia que ia dar 42, 45 m² no máximo, estourado. Então a gente já sabia que tamanho que ia ter quarto, sala, e começamos a desenhar no chão e medir com trena para eles terem uma aproximação com a questão de medidas. Tinha muito morador que já trabalhava em construção civil, nessa fase o pessoal ficou sem paciência. Porque eles já tinham essa noção. Mas aí a gente tinha que falar o "espera, sua hora vai chegar, fica calmo, tem gente que..."

Giselle: Tinha alguma outra exigência da Caixa além dessa questão financeira?

Marcelo: Tinha os materiais já pré definidos. Isso aqui era um vídeo, mas eu trouxe em PDF a apresentação e mesmo no PowerPoint não está funcionando, mas é a mesma lógica. A gente mostrou em 3d no sketchup um prédio com planta H, desses bem tradicionais e explicamos como que funciona a planta. Paralelamente, enquanto a gente estava preparando durante a semana as apresentações dos seminários, a gente já começou dentro do escritório a discutir projeto. Então isso aqui é dentro do projeto, essa maquete de papelão. A gente fez 50 bloquinhos e começamos a simular soluções de implantação para avaliar os melhores caminhos. Aqui tem poucas imagens, mas a gente tem foto adoidado. Na mesma semana que a gente já tinha estudado a ocupação dos 50 bloquinhos no modelo a gente levou no seminário a maquete do terreno e dividiu o pessoal em grupo e pedimos para cada grupo, orientado por um arquiteto, a gente pediu para eles modelarem o que eles visualizavam de ocupação do espaço. Antes de fazer isso, eu estou lembrando aqui, a Maura do social tinha uma prática de botar um papel kraft no quadro e começar a discutir os desejos, aí perguntava “o que que você quer?”, “eu quero uma banheira de hidromassagem”, “eu quero uma piscina”, “eu quero uma casa com um telhadinho no quintal”. A gente ia anotando tudo. E o principal, o sonho da maioria absoluta era morar em casa unifamiliar, casa térrea. Uns dois lá que já tinham experiência, que já eram operários da construção civil, na hora que o pessoal começou a falar isso eles já levantaram e falaram: “gente não tem condição, não cabe no terreno”. A gente falou: “deixa, cada um faz seu desejo” e foi bem livre, a gente tentou não podar. Então quando chegou nesse modelo aqui a gente acabou, a gente não deu um norte para eles modelarem, mas em menos de um minuto o pessoal já sacou: não dá para ser casa para todo mundo. Aí eles já começaram a empilhar. Não tivemos que gastar explicação: “a, a lei de uso... Não cabe...” Eles descobriram e pronto. E já se resignaram.

Então eles fizeram vários estudos, a gente fez uma brincadeira na hora com a lanterna mostrando orientação solar, mostramos ventilação e voltamos para o escritório, modelamos em 3d no Sketchup todas as soluções que o pessoal tinha feito. Então, esse aqui era um grupo que tinha um cara da construção civil e ele direcionou o grupo dele para fazer planta H. A gente tentou não... Deixamos livre, não interferimos. A gente modelou todas as soluções, mas eu to mostrando duas aqui que eu acho que eram as duas mais díspares, mais conflitantes. Uma que era a tradicional planta H, e a outra que eles colocaram o prédio todo em L, ao longo do afastamento de fundo e lateral para deixar um pátio todo livre, e eles já começaram a discutir que seria legal ter um pátio livre para a criança brincar, e também veio aquela questão que a Jane Jacobs fala de olhos da rua, sem a gente citar nada disso de teoria, o pessoal falou: “não, é legal que o pátio está todo mundo vendo”, então foi uma coisa natural. Aí com isso a gente explicou as vantagens e desvantagens de cada um e já começamos com um pouco de parte técnica, prática. Então a gente explicou que esse modelo de botar todas as unidades em L não seria possível tecnicamente porque precisaria de 5 pavimentos e 4 pavimentos seria o limite como norma para a gente não precisar de elevador, o elevador encarece, então a gente explicou: “ó então tem que ter 4 pavimentos. Vamos seguir esse caminho de tentar liberar um pátio, mas acontece que vai ter um bloco, vamos precisar de um bloco a mais”.

Raul: Quando vocês falaram de pensar em ventilação já entrava isso, do posicionamento?

Marcelo: Já, desde o momento em que eles começaram a empilhar os bloquinhos a gente já explicou a questão dos ventos e do sol o tempo todo, ao mesmo tempo. Aqui, isso aqui já é um teste de escritório, a gente ia desenhando a mão, a gente fez uma planta, a gente já tinha um esboço de planta e ia ocupando ela no terreno e fazendo simulações. Essa imagem aqui dá até para ver que já tinha alguns apartamentos que a gente estava pondo 3 quartos. A gente não tinha ainda o feedback da Caixa de que não podia. E aqui a gente estava tentando dividir os prédios e fazer passarela. Essas linhas marrons aqui em V era uma tentativa de deixar um bloco de circulação vertical só em uma coluna dos blocos e passarelas ligando os outros prédios. Evoluímos isso no escritório, mas antes de levar para o pessoal a gente fez uma outra dinâmica que foi - essa foi bem legal - a de mobiliar o apartamento. Foi uma orientação também da assistente social, da Leta. A gente achava uma bobagem, mas a gente descobriu umas coisas que a gente não imaginava. Então a gente pegou retângulos soltos, cada um com uma cor, representando um ambiente. O amarelo era sala de estar, vermelho era cozinha, azul e roxo era quarto, etc. E cada um conectava o espaço do jeito que queria. Então teve gente que pôs a cozinha perto do quarto, botou a área de serviço conectada direto na sala e não na cozinha. Então a gente deixou bem livre e depois que eles fizeram isso, a gente entregou os bloquinhos de mobiliário, tudo em escala, e eles começaram a ocupar os espaços. Ai que a gente começou a ter umas surpresas, porque começou a se repetir. A gente não estava preocupado em analisar a organização espacial. Esse exemplo aqui não tinha jeito de entrar nos quartos: o corredor estava desconectado. Mas isso aqui apareceu várias vezes: a mesa na cozinha, ao invés da mesa de jantar está dentro da sala. Ou ela estava na cozinha ou estava nos dois. Tinha dois bloquinhos de mesa, tinham vários. Então se eles quisessem fazer um apartamento só de cama, ou só de mesa, a gente deu muita opção. Então a gente descobriu que a cozinha era um lugar importante de... a gente perguntou né, depois de ver isso repetido em vários grupos, descobrimos que a cozinha era um lugar importante para reunir a família na refeição. Porque realmente eles ficam apertados né. A gente descobriu nesse também... O pessoal colocando... apareceu muita mesa na área de serviço também...

Aí na semana seguinte a gente já trouxe uma planta mais evoluída. Uma das pessoas até comentou: "Pô, mas cês já tão com o trabalho pronto... a gente achou que a gente ia desenhar junto". Aí eu falei "não, a gente tem questões técnicas de norma que a gente tem que desenhar lá e a gente está aqui com vocês não é para desenhar o projeto, é para absorver informações que vão interferir no meu... no nosso projeto. Então algumas coisas que a gente aprender aqui com vocês vão mudar o que a gente está desenhando. Então por exemplo: nesse primeiro desenho que a gente levou tinha uma varanda no quarto. E isso foi unânime: todo mundo falou "varanda não tem importância para a gente". Se tem dinheiro para fazer um pouquinho a mais aumenta o quarto, porque a maioria tem mais de um filho, ou menino e menina, e as vezes adolescente, que não quer dividir o quarto, então eles falaram: "é melhor ter quarto maior que dê para a gente dividir do que ter varanda. Ao mesmo tempo, como o pessoal tinha falado muito da questão da apropriação do espaço da área de serviço e da cozinha com mesa, a gente achou que seria importante ao invés de ter uma varanda lá na sala de estar, na área social, trazer uma varanda para a área de serviço. A partir desse momento a gente tentou fazer uma área de serviço um pouco maior que o tradicional, de forma que coubesse uma mesa pequena. Aqui a gente até estava desenhando uma mesa com quatro cadeiras, no fim cabe uma mesa para duas pessoas. Que a gente achou que além de serviço podia ser um espaço para um café da manhã, um espaço para a apropriação. Olha, aqui tinha a mesa aqui junto com um quarto, era necessidade de um espaço de trabalho, para computador, para as crianças. Teve até um

momento que a gente criou um nicho para colocar computador, depois a gente tirou ele porque achou que tinha que ser menos pré determinado, o computador vai para qualquer lugar. Mas a gente estava criando um dente aqui em algum lugar que era um espaço para caber uma mesinha com um computador. Apresentamos essas questões, o pessoal deu esse feedback da varanda...

Aqui o mesmo desenho já no cad. E depois a gente já chegou com a primeira proposta, que é mais ou menos uma evolução daquela implantação em L, com um terceiro bloco paralelo e conexões por passarelas. E a partir daqui a gente discutiu uma coisa que era importante: como tinha essa história dos quartos maiores, a gente fez esses quartos maiores que seriam possíveis de dividir em dois só nos pavimentos intermediários, no segundo e no terceiro. No térreo a gente pôs quintal e no quarto, um terraço. Foi uma discussão que a gente teve com as famílias de ter, a gente chamava de privilégios diferentes para cada pavimento porque no início a gente sabia que tinha possibilidade de usar quintal e a gente já pensava em pôr terraço. A gente não sabia como que a gente ia ter um valor diferente nos pavimentos intermediários e essa ideia de ter o quarto maior ajudou a diferenciar cada pavimento. E isso foi uma coisa que surgiu pra gente nesse projeto e se repetiu em vários projetos que a gente fez de habitação até hoje. A gente usa isso muito até hoje.

Raul: Isso foi construído desse jeito, com essas diferenciações?

Marcelo: Eu ia guardar para o final, mas... O projeto chegou até o fim. As famílias aprovaram, fizemos o projeto arquitetura, executivo de arquitetura, todos de engenharia respeitando aquilo. Depois chegou na prefeitura, eles assustaram e voltaram atrás. Eu tenho fotos da obra, na hora que chegar lá eu vou explicar algumas coisas que a gente ouviu da prefeitura.

Raul: Mas já teve outros que deu certo depois disso.

Marcelo: Já. Esse da barriguinha foi acho que o principal exemplo. A gente ficou conhecido por causa do Santa Rosa. A gente apresentou esse projeto para todo lado, a gente expôs na Bienal de Arquitetura de São Paulo que era muito forte na época. E esse projeto ficou conhecido. Então isso abriu um pouco de mercado para a gente, a prefeitura de Contagem chamou. Foi até a Mônica Bede que nos convidou lá e ela era uma pessoa aqui peitava a prefeitura "tem que ter qualidade, a gente via fazer esse projeto diferente. Aí deu certo. Depois a gente fez em Juiz de Fora. Não chegou até o fim do projeto, mas a gente propôs alguns prédios também.

Giselle: Lá para a vila Olavo Costa?

Marcelo: Na Olavo Costa era mais casa, mas em outros lugares teve prédio. Teve uma fase do trabalho que a gente estava dentro do escritório já começando a avançar em projeto técnico já com corte, fachada evoluído... e a gente começou a mostrar para o pessoal antes de mostrar o projeto pronto, a gente começou a mostrar referências de todo tipo. Então eu trouxe seis exemplos aqui de arquitetura internacional, alguns nacionais, para mostrar coisas ousadas, para aumentar o repertório deles e mostrar que não é só planta H que existe no mundo. Então a gente mostrou esse prédio aqui do Jean Nouvel. É uma solução diferente que ele tem corredor linear e os apartamentos são todos duplex. Mostramos o MVRDV por causa desse apartamento que tem varandas avançando, que a gente já imaginava usar aquela solução do quarto maior avançando para fora da

fachada com uma cor diferente. Mostrando esse prédio do João Diniz que fica na Gameleira que é de habitação também, que tinha o uso de cor. E a gente mostrava plantas também para eles verem as variações. Mostram alguns exemplos da Herman Hertzberger de integração de balcões, escadas de acesso com pátios internos. Esse exemplo inclusive que eu to mostrando o Hertzberger, nesse projeto lá da barriguinha em Contagem ficou muito melhor porque a gente fez exatamente o que o Hertzberger mostra aqui que é colocar um lance de escada para fora do prédio. Então lá o primeiro lance de escada é fora do prédio. Depois entra numa torre de circulação vertical. E isso gerou uma espacialidade super legal, que no Santa Rosa não tinha. Mostramos esse exemplo aqui que se não me engano era uma pousada, mas que tinha uma ideia de varanda. E esse outro projeto que foi um dos que eles mais gostaram... Não lembro de quem é esse projeto, mas era para mostrar a questão de passarelas conectando prédios e eles gostaram muito da questão de ter iluminação natural e ter jardim então isso aqui ajudou a defender essa ideia de conexões.

E um outro exemplo que eu não mostrei, não tá aqui nessa apresentação, que é do Demetre Anastassakis no Rio. Não lembro se era o conjunto da Maré. É inclusive o que ele mora... A Leta vai saber, é um que fica no alto de um morro. Mas é uma solução que o Demetre usa um jogo de imagem que remete um pouco a favela, vários blocos empilhados e um jogo de telhados também. E na hora que eu mostrei a imagem do Demetre eu já sabia que o pessoal ia gostar, já imaginava né, não tinha certeza. Porque a imagem estética da arquitetura dele tem muito a ver com a estética da casa residencial e na hora que eu mostrei teve gente que falou: "não precisa fazer mais nada, é só construir. Não era muito a imagem que a gente queria não, mas ajudou. A gente perguntou "porque vocês gostaram?" aí o pessoal falou: "os telhados... legal. " Aí a gente foi relembando da história, que o pessoal gostava de casa. Ele explorava muito o jogo de telhado, que não era laje plana e platibanda, então isso era importante, a gente viu que era importante na imagem.

Então aqui tem algumas evoluções do Sketchup. Eu acho que a gente apresentou isso aqui. Tem um pedaço aqui que está verde, é uma varanda, mas é área de serviço. Então a área de serviço a gente fez um espaço totalmente aberto. Na hora que a gente fez aquele exercício de mobiliar o apartamento com os bloquinhos e o pessoal foi pondo mesa na área de serviço, e mesa na cozinha, a gente perguntou por que e descobrimos que muitas pessoas desempregadas conseguem renda trabalhando em casa, cozinhando para fora e lavando roupa pra vizinho, oferecendo serviços. Então a gente viu que esses dois espaços eram focais, principalmente para as mulheres. Que era uma fonte de renda para elas. Eu acho que era 2003, tem quase 20 anos já. Ainda tinha uma diferença maior do que hoje nessa relação de mulher trabalhar fora, ainda mais nessa parte de renda. Então a maioria não trabalhava fora.

Roberto: Nessa etapa entrou na conversa sistema construtivo?

Marcelo: Já, desde o início. A gente já tinha o direcionamento pela experiência da PUC de fazer em bloco de concreto, alvenaria estrutural autoportante. No final acabou sendo misto porque a questão desses avanços que a gente fez dos quartos maiores a gente achava que ia dar... esses avanços geraram alguns balanços estruturais. Eu acho que dependendo do calculista ele conseguia resolver... topava. O nosso... e a gente não tinha experiência de peitar. É um balanço de um metro e meio no máximo. Acho que é menos de um metro e meio... acho que um metro e meio eu to exagerando. Outra coisa legal que a gente desenvolveu ... a gente falou muito sobre a questão da

ventilação natural, todas as escadas a gente imaginava totalmente abertas, não eram as escadas com parede até o topo e uma janelinha. Era um peitoril baixo para permitir a circulação de vento dentro do conjunto. E a ideia das passarelas que conectavam o prédio era a mesma: ter ventilação e ser um espaço de controle visual do terreno. Assim, então quer dizer que da escada teria controle visual de tudo que estava acontecendo, isso era muito importante.

Roberto: Esse processo de projeção, digamos assim, vocês conceberam, o que vocês imaginaram e foi alterado em função da participação?

Marcelo: Foi sim, acho que com certeza, porque essas questões que eu citei do quarto maior... foi adaptando. A gente começou com a nossa ideia de apartamento... vamos por uma varanda porque é legal. E eles deram o retorno de que não era legal e a gente mudou o projeto.

Roberto: Mas to falando da própria dinâmica da participação. Eles interferiram no processo participativo? O tempo todo é uma aproximação delicada de deixar os caras tocarem o bonde. Mas aconteceu em algum momento alguma coisa que vocês achavam que não ia acontecer e que foi prum lado que vocês não estavam imaginando?

Marcelo: Deixa eu tentar lembrar...

Roberto: Se fosse muito relevante você lembraria.

Marcelo: Às vezes se eu pegar o registro histórico... A gente tem um Powerpoint de todas as dinâmicas. Se eu tivesse dando uma olhada talvez eu conseguiria lembrar.

[Ró explicando a disciplina]

[Relações de vizinhança e ações comunitárias]

Marcelo: Se eu tivesse começando hoje conhecendo uma história anterior, com certeza ia contribuir. Tinha algumas coisas no processo que a gente achava meio chato, principalmente a parte social, a gente não conseguia ver muito o porquê daquilo. Então na hora que a gente já estava com o projeto desenvolvido e começou umas dinâmicas de grupo, era questão de conviver em vizinhança... A gente ficou um pouco com preconceito. Mas era uma inexperiência também.

Roberto: Mas isso chegou a interferir...

Marcelo: Tem uma história no final, na última dinâmica, foi um evento de festa, fez um lanche, e a última coisa que eles fizeram, já com o projeto arquitetônico pronto, todas as plantas, o 3d que a gente tinha projetado com Datashow, a assistente social e o Marcão fizeram uma tabela para definir quem ia morar em cada unidade. A gente achava que todo mundo ia querer quintal e na hora lá eles se organizaram e alguém falou "não tem discussão, o quintal é para o idoso". E ninguém discutiu, falaram "é isso mesmo". Então eles resolveram sozinhos quem ia ficar em cada um sem nenhum atrito. Foi um negócio quase natural. Resolveu o térreo... os que tinham filho maior falaram para mim não tem problema subir escada. Aí a gente perguntou quem quer ficar em terraço. A maioria

não queria. Então sobrou os que quiseram, encaixou no terraço. E o resto se organizou normalmente. "Eu quero ficar perto dele, que eu já moro perto dele".

Roberto: Esse grupo já se conhecia?

Marcelo: Alguns. Mas ele foi se formando nesse processo. Eu puxei esse assunto porque eu falei que a gente teve preconceito com a parte social, mas eu acho que pode ter ajudado nessa organização nessa hora aí. Eu não tenho análise crítica para saber como que o trabalho interferiu nisso, mas eu acho que pode ter ajudado. E o trabalho social também foi importante para definir a questão de convenção de condomínio, porque as pessoas não estão tão acostumadas a viver condominialmente, dividir conta, ter um síndico...

Roberto: Eu já vi que tem muito problema com água. Gente que não paga...

Marcelo: Eu não lembro se aqui era hidrômetro individual. Estava começando essa tecnologia... Isso é fundamental. O custo inicial pode ser maior, mas é fundamental, porque hoje a gente já sabe que quando tem problema eles não resolvem entre eles, eles resolvem direto na URBEL. Eu já fui na URBEL várias vezes, tem morador lá esperando na fila que é para reclamar que o vizinho fez barulho. Então essa parte social junto com o jurídico tinha muito de ensinar o que é um regimento interno, uma convenção de condomínio, explicar regras que para quem já vive em apartamento é óbvio, mas que para eles não era. Tinha uma questão que era engraçada: eles discutiam muito da importância da ventilação natural, janela grande e algumas pessoas tiveram dificuldade de entender. Aí um de nós, não lembro quem, falou "olha, imagina que seu vizinho está fazendo uma dobradinha. Você não está afim de sentir o cheiro da dobradinha então o cheiro tem que vazar, tem que ir embora. Não pode ficar preso no prédio, na caixa de escada". Então a gente fazia umas referências assim. Eu devia ter falado pequi também, mas às vezes a maioria gostava.

[Fase de projeto]

Isso aqui também foi um trabalho que eu acho que também foi simbólico esse dia. A reunião foi até na PUC e foi legal porque tinha acabado de construir a primeira fase do novo prédio de arquitetura, que era um sistema autoportante. Então a gente mostrou com o que funcionava e a gente já tinha maturado com eles a ideia de que o prédio, externamente ia ser de bloco aparente, revestido com um hidrofugante para proteger de água. Mas a ideia era economizar no reboco e na pintura externa para tentar fazer a área construída um pouquinho maior, que era o que a gente estava conseguindo ganhar no quarto, na área de serviço maior, através dessas economias que a gente foi tentando. A outra coisa que a gente tentou de economia. Isso foi um trabalho de convencimento nosso, em função da economia a gente convenceu a fazer cozinha integrada com a sala para ter menos uma porta, porque você pega uma porta, multiplica por 50, menos uma verga multiplicada por 50, menos x metros quadrados de parede, é uma economia absurda. Então isso a gente conseguiu convencer, mas aí já envolveu um trabalho porque tinha gente que não gostava da ideia. Então a gente falou: olha, é mais fácil a gente construir aberto e te ensinar como fechar depois do que construir fechado e algumas pessoas terem que quebrar, porque aí começa a colocar em risco a estabilidade construtiva... Eu não lembro se foi construído aberto. Nessa hora teve uma pessoa que até discuti comigo e ficou nervosa. A gente não sabia disso, mas ele tinha um problema de saúde, ele era

esquizofrênico e ele questionou essa ideia da... depois que já estava tudo resolvido ele continuou insistindo contra a ideia. Eu falei "olha eu acho que agora tem que ter uma questão de maioria, você tem que aceitar os colegas". Ele ficou nervoso e passou mal, a gente teve que pegar ele e levar em casa e a gente nem sabia onde ele morava, ele desmaiado. Foi uma cena meio tensa, mas eu acho que tem a ver com esse convívio... Ninguém conhecia ele e o pessoal ficou meio com medo, ninguém quis ajudar, então ficou uma história meio tensa esse momento, mas depois resolveu. Nesse dia a gente apresentou o projeto e eles assinaram o "de acordo".

Roberto: Essas dinâmicas...tinham que celebrar o acordo?

Marcelo: Tinha que celebrar acordo e assinar, mas os acordos foram poucos momentos que tiveram um acordo formal, que foi na hora de oficializar a arquitetura, que foi esse dia. A gente levou uma prancha A1 com o 3d e no título "projeto versão de arquitetura, revisão nº 5, data tal" e o pessoal assinou um por um "de acordo". E alguns, alguns não, acho que a maioria pediu para tirar foto segurando a prancha. Aí depois a gente mandou as fotos para eles. Não tinha tantos celular com fotos. Só um detalhe que essa foto a gente achou marcante... Em várias apresentações que a gente fez, em publicação, lá na bienal, essa foto apareceu várias vezes.

Giselle: O processo deles assinarem e de vocês de alguma maneira registrarem esses acordos foi uma demanda da PUC, vocês criaram, como se deu isso?

Marcelo: Eu não lembro se teve uma orientação da PUC. Eu acho que a gente descobriu no meio do caminho que tem que ter um de acordo. Eu acho que essa da parte de arquitetura foi uma ideia nossa, porque a gente já vinha de uma experiência de um ano e meio com clientes particulares e a gente já estava sentindo com o cliente particular uma dificuldade, do cliente aprovar uma coisa na reunião, a gente gasta a semana desenvolvendo e chegava na outra semana, o cara "não, eu não queria esse piso, queria outra coisa". Então no escritório a gente já estava adotando a ideia de levar sempre uma cópia que o cliente assinava. Então eu tenho quase certeza que isso aqui foi ideia nossa.

Josiany: Mas mesmo assinando você acha que tinha hora que eles queriam voltar atrás?

Marcelo: Acho que não, porque eles tinham uma ansiedade muito grande, porque a gente tinha que explicar... a maior dificuldade era explicar que a gente ia acabar de reunir 3 meses e eles iam ficar talvez mais de dois anos esperando. Eles achavam que era uma coisa rápida... Aí a gente teve que mostrar um cronograma de como funciona: "depois que terminar os 3 meses com vocês a gente vai gastar mais uns 2 meses com a engenharia desenvolvendo a parte técnica, depois a gente vai protocolar isso na prefeitura, a prefeitura vai demorar sei lá quantos meses para aprovar, depois vai ter uma licitação para contratar uma construtora e tal". Quando eles foram convidados pela UEMP, eu acho que eles ainda não tinham uma noção, eles tão esperando para serem chamados há anos, então quando dá esse passo à frente a pessoa tem a expectativa que já é para receber o imóvel. Então a gente teve que botar o pessoal com o pé no chão e isso né, e mostrar "olha isso vai demorar tu tem que ter paciência" eu acho que isso também atrapalhou, que esse processo depois que a gente terminou o trabalho participativo, no prazo até a viabilização do empreendimento, mudou a realidade das famílias. Algumas podem ter mudado de cidade, outras quando chegou a hora do

vamos ver não tinham mais condição de se qualificar no programa ou porque a renda aumentou ou abaixou. Então mudou muita... isso quem me falou foi essa moça que eu encontrei no zoológico, que participou. Ela falou que muita gente, se bobear a maioria, eu chutaria mais de 50% mudou do processo final para quem recebeu o imóvel.

Raul: Então vocês não trabalhavam... Quer dizer, as pessoas tinham que ser convencidas que ia demorar mas ainda assim lidando com uma insegurança. Então vocês trabalhavam como se fossem ser essas pessoas...

Marcelo: A gente não sabia que podia ter essa... a gente achava que eram elas.

Raul: Esses vão receber, vai demorar, mas vão receber.

Marcelo: A gente não esperava que poderia ter uma mudança tão grande então isso pode gerar algum conflito... pode até ser um dos motivos que fez a prefeitura mudar. Já tô puxando a história lá na frente, não vou contar agora não. Lá na PUC a gente fez essa atividade também. Não lembro porque em algum momento as dinâmicas mudaram pra PUC, acho que era pela facilidade de datashow. A gente construiu com blocos de concreto, isso foi um acidente, por um acaso. A gente chegou para a dinâmica, vimos esses blocos empilhados lá do lado do laboratório e falamos vamos usar isso, vamos construir a planta. Aí a gente construiu em escala real e o pessoal começou "nossa já to dentro de casa, já pode trazer minha cerveja". A gente levou uns tecidos também para simular parede e ter uma noção melhor do limite espacial. Tem uma imagem também que a gente sempre repete ela em apresentação, que a gente fez uma sobreposição 3d da planta. Se fosse hoje eu até faria mais bonito, mas a gente desenhou a planta e depois mostramos isso para eles.

Raul: Essas ferramentas vocês tiveram referência de onde?

Marcelo: Inventávamos em discussão. Alguma coisa a gente ia trocando ideia entre as universidades, mas isso chegava meio telefone sem fio. Alguém falava "no Isabela fizeram alguma coisa parecida. Isso aqui eu lembrei, acho que no Isabela era o Robin... Lá eles fizeram um negócio em escala 1 para 1, acho que em papelão ou cartolina fechando as paredes, e isso chegou pra gente. Aí a gente viu o bloco lá num canto e falamos "vamos fazer com bloco".

Roberto: Ao longo dessa história teve um encontro das assessorias?

Marcelo: Não. Inclusive porque eu acho que era muito diferente né, pelo que eu me lembro na PUC era onde os ex-alunos tinham mais autonomia. É uma impressão não sei se foi a realidade, mas a minha impressão é que nas outras era mais um projeto de um grupo de estudo liderado por um professor e tinha os bolsistas que ajudavam, mas o projeto em si não era dos ex-alunos. É a minha impressão da época, não sei realmente se foi desse jeito.

[Habitação]

Aqui já vou mostrar, essa já é a planta técnica final, em azul aqui olha o tamanho da área de serviço. A gente mostrando que cabia uma tábua de passar, uma mesinha com dois lugares com espaço para

circular ao redor, mais tanque e pia e a pessoa podia apropriar do jeito que for. E a outra coisa legal é que a gente fez duas janelas, aliás, uma porta... Eu tô mostrando uma planta muito específica, mas aqui tem um corredor entre a cozinha e a área de serviço. Mas toda a área de serviço tem uma porta que conecta ou com esse corredor ou com a cozinha e uma janela vertical conectada com a sala. A ideia é ter ventilação cruzada em todas as salas, eu não lembro no projeto executivo se isso chegou até o fim, mas a gente pensou estruturalmente essa janela aqui da área de serviço que ela fosse possível ser retirada e virar uma porta direto da sala para a área de serviço, e se o cara quisesse ele poderia meter uma parede aqui e virar uma varandinha para a sala. Então foi uma história que a gente desenvolveu. A gente tentou até o fim deixar a varandinha que eles não queriam.

O quarto estendido nesse desenho aqui está parecendo uma parede dividindo eles. No projeto final a gente tirou essa parede porque a gente achou que ela limitava demais a ocupação. Aqui dá para ver também que o balanço não tem 1,5 m de jeito nenhum, não tem nem um metro. Eu acho que qualquer calculista experiente topa isso aí em balanço. Mas voltando ao quarto estendido, a gente fez no final um layout que o armário e o que divide o quarto das crianças. Teve uma família que a mãe falou "tenho dois filhos já adolescentes, vamos dormir eu e meu marido na sala e cada um vai ter um quarto. Então é uma coisa assim, que são realidades que a gente não vê no nosso meio, mas eles topavam, foi uma família que falou isso, topavam esse tipo de organização diferente do espaço. Deixa eu ver o que mais que tem aqui. Tem uma coisa interessante também, aqui uma outra opção de layout nesse quarto, a gente chamava ele de quarto estendido. Os quartos estendidos que ficaram na extremidade do prédio, nas empenas na fachada, a gente botou duas janelas para permitir que a divisão com armário permitisse iluminação independente para cada cantinho. Se não me engano eles retiraram essa janela na obra, fizeram só uma, então a obra atrapalhou muita coisa. A outra coisa legal que a gente fazia, aqui eu tô mostrando a rampa... A passarela que conecta os dois andares como uma questão importante. No início a gente chamava de rampa e o pessoal ficou com preconceito danado, eles não aceitavam de jeito nenhum, até que a gente descobriu que eles estavam associando o termo rampa com as passarelas de atravessar a rodovia e aí foi só quando a gente mostrou aquela foto que eu falei lá atrás que tinha jardim que aí o pessoal falou: "Ah! Então é isso aí? Que legal". Aí a gente mudou o nome, passou a chamar de passarela. Porque o que atravessa a rodovia é passarela também, mas teve essa confusão de nome na época. Mas aí a gente fez um chanfro aqui na passarela, que ele era uma ideia de ampliar um pouquinho o espaço de circulação para permitir a apropriação do espaço público, para botar uma cadeira e tal. E isso eu sei que no final a URBEL lá na frente falou "isso aqui de jeito nenhum, o pessoal vai encher de cadeira aqui, vai ocupar o corredor. Eu falei, "mas é isso mesmo", então rola esse preconceito. Tinha uma questão aqui também, a passarela não tocava. Esse corredor aqui tinha um vazio que era um vazio também para ter ventilação cruzada na cozinha, então a cozinha abria para a área de serviço e a gente colocou cobogó aqui alto para ter uma ventilação por esse fosso. Esse era mais um motivo para a escada ser aberta, porque a gente queria usar isso como ventilação natural. Como o apartamento é muito compacto a gente tentou ter muita ventilação natural para poder deixar um ambiente mais agradável.

Aqui eu acho que está terminando a minha parte de... cês tão vendo aqui a área de serviço a gente usou uma estratégia de fazer uma parte dela com bloco e outra com grade para diminuir custo e fazer um desenho também, uma geometria legal. E a questão que eu falei lá atrás da estética do Demetre a gente tentou também fazer os telhadinhos com esse movimento de.... Era um telhado

borboleta, mas que não se encontrava para dar um movimento desses chapeuzinhos aí na cobertura. Uma última coisa aqui, esse outro conjunto, os dois apartamentos... a gente tem três blocos né, esses dois que tão mais perto da rua eles tem terraço. O lá do fundo ele não tem terraço, eu acho que é por questão de... foi uma questão de desenho, se a gente colocasse terraço nele ia ultrapassar a área máxima permitida da lei de uso e ocupação. Então o último andar aqui do fundo ele tem o quarto estendido, e os dois apartamentos da extremidade desse bloco são duplex. Então é uma tipologia diferente. Tem um terracinho pequeno no nível da sala e os dois quartos em cima.

Herbert: Você estava mostrando a questão da escolha dos apartamentos e dos idosos. Se levantou alguma questão a respeito de pessoas com cadeira de rodas?

Marcelo: Não tinha, mas era previsto. Mas tem uma mudança na legislação da época para a de hoje. A de hoje a gente já tem que desenhar x% dos banheiros adaptados, aqui não tinha nenhum banheiro adaptado. Então se alguém vier a ter um problema aqui e tiver que usar cadeira de rodas os banheiros não vão ser adaptados. Hoje nos projetos mais recentes que a gente fez, o que a URBEL tem feito, a gente tem visto em outros projetos? Tu faz.... Até tem a porcentagem de banheiros adaptados no térreo, é um banheiro maior, ele é quadrado, e nos outros andares fazer adaptável, de uma forma que ele possa crescer e tal. Nos projetos mais recentes que a gente fez, a gente terminou um projeto no Maranhão no ano passado, a gente já fez todos do tamanho do banheiro de cadeirante, mas só os do térreo que vão ser executados com as barras, os equipamentos. Ai os andares de cima se algum dia tiver elevador e alguém precisar usar cadeira de roda vai precisar só colocar as barras e talvez mudar a pia...

Aqui uma outra imagem mostrando... esse é o render. Esse render na época era fantástico, de horrorizar, hoje ele é fraco. Aqui, essa foi a última reunião, essa imagem ali cada pessoa escreveu seu nome, ia no quadro e escrevia eu quero... tinha a opção quintal quarto ou cobertura. A pessoa votava qual que era a preferência dela: número 1 quintal, número 2 quarto. Esse aqui nem 3 tem, tirou a cobertura porque não queria de jeito nenhum. Então foi desse jeito que foi feita a organização. Não teve conflito, foi super... Meu escritório a gente mudou já de endereço quatro vezes. Todas as quatro começou a ter discussão a gente falou pera, vamos escrever num papelzinho. As quatro vezes cada um pôs assim, eu quero perto da janela, eu perto da porta, e nenhuma das quatro teve conflito. Na hora de discutir já começava a confusão aí no papelzinho. Aí eu tenho imagens da obra agora.

Roberto: Vocês acompanharam a obra?

Marcelo: Não, nem fiquei sabendo. Eu descobri que a obra estava pronta por acaso passando no anel para ir em algum lugar, vi o telhadinho eu falei lá, tem alguma coisa lá. Aí fui lá e tive uma surpresa. Mas, aí que é a questão que eu fiquei segurando lá da URBEL o tempo todo: anos depois que a gente terminou o projeto, a gente não sabia em que pé que estava a discussão de financiamento, de construção. Ligaram para a gente da URBEL pedindo autorização para fazer algumas modificações. Chamaram a gente lá, aí explicaram que essa história de fazer um apartamento diferente para cada um dava muita briga, que eles vão entrar em conflito e que vai acabar indo para a URBEL para resolver esse conflito. Aí a gente falou "olha, foram eles que resolveram assim., isso foi participativo", então uma hora que eu falei que mudou uma grande parte

do grupo eu acho que a URBEL pode ter usado desse artifício para falar “ah não é a mesma turma que participou, então vamos mudar”, mas eu acho que é muito mais preconceito. Eles pediram para fechar as passarelas conectando. Eles queriam fechar com parede até o teto e por janelinha. Ai a gente teve que explicar “gente pelo amor de deus, não pode, isso é para ventilar, para ter uma visualização”. Aí eles falaram “Ah, porque eles vão encher de coisa, de móvel”. “É para fazer isso mesmo”. Então no fim a área de serviço eles fecharam e botaram janelinha, então tem até duas janelas em cada área de serviço, ao invés de fazer um espaço aberto. Acabaram com o quintal, acabaram com o terraço. Mantiveram o quarto estendido maior, quer dizer, agora os de segundo e terceiro pavimento são privilegiados porque os outros não tem nada. Mudaram o telhado, pintaram, acabaram com a ideia do bloco aparente. Quando eu tirei essa foto estava terminando a obra, eu to vendo aqui a pintura, eu acho que tem um reboco sim.

Raul: Essa mudança da URBEL era uma negociação?

Marcelo: Não. A URBEL você faz o projeto, se quiser mudar tudo lá dentro, fazer outras coisas, eles mudam. Então a gente não tem poder de peitar e falar não, não vai mudar. A pessoa que mudou ela assinou a responsabilidade técnica que deixa de ser minha, eles tiveram que fazer um novo projeto. Pegaram meu desenho, modificaram e alguém assinou. Eles nos chamaram e a gente falou “olha, não concordo com isso de jeito nenhum”. Eles foram e fizeram, isso é comum. Inclusive é comum quando a própria URBEL contrata, ela paga, você entrega, eles vão e constroem outra coisa. É jogar dinheiro público no lixo, mas isso é comum demais. Aqui, isso aqui, essa foto é triste, a gente está vendo a foto do bloco do fundo amarelo e tem um paredão vertical bege que era para ser a escada toda aberta, permitindo ventilação natural. Eles construíram um grande paredão, quer dizer, do volume de escada e passarela não tem mais aquele controle, de ver o pátio. E aqui tinha uma ideia já, uma coisa que a gente já começava a discutir nessa época: pouquíssimas pessoas tinham carro. Mas a moça do social já falava, tem que cuidar do estacionamento. Uma quantidade de vaga maior do que o mínimo exigido pela legislação, porque o sonho deles depois de realizar o primeiro que é a habitação, o próximo sonho é o carro. O cara vai juntar dinheiro... Aqui as passarelas como que eles... No nosso projeto elas eram... Tinha a viga de concreto, devia ser uma viga de 60 cm e um guarda corpo metálico para ter uma transparência visual. Eles fizeram uma parede alta de um metro e pouco. Então mudou muito a leitura espacial que a gente previa, essas fotos todas eu não entrei lá, isso aqui eu tirei pela grade.

Roberto: A vizinhança, o entorno, ele mudou bastante desde que vocês projetaram para cá, né?

Marcelo: Eu acho que não. Já tinha...

Roberto: Vocês já sabiam como que seria? No fundo eu queria que você comentasse um pouco da inserção dele.

Marcelo: A gente chegou a mostrar o Santa Rosa I e falar “a gente não quer fazer isso, a gente quer oferecer para vocês uma arquitetura de qualidade melhor”. A gente fez isso. E foi intencional o prédio ficar com o pátio, o bloco em L intencional de costas para o conjunto Santa Rosa I. Eles não queriam que o pátio fosse debruçado pelo Santa Rosa I. Aí a gente falou olha, tem um outro terreno do lado que é vago, que a gente não sabe o que é, um dia vai ter alguma coisa. Eles falaram ok, mas

a gente não sabe quando. Esse aqui a gente já sabe, então com relação a relação com a vizinhança isso foi a maior questão.

Roberto: Você mencionou de início a contratação dos projetos complementares. Vocês correram atrás. Me fala um pouco mais sobre isso. Vocês já conheciam? São pessoas que vocês trabalham até hoje?

Marcelo: Não. Eram vizinhos. Mas por coincidência no nosso prédio tinham algumas empresas e a gente procurou eles, fizeram um preço legal e a gente trabalhou com eles e depois a gente trabalhou num segundo projeto que foi um prédio até pra PUC, um campus da PUC em Guanhães. Aqui não teve problema. No outro da PUC que a gente falou "com esses não dá para trabalhar nunca mais". Mas nos atenderam bem nesse projeto e a gente também era imaturo para saber avaliar tecnicamente o trabalho deles, tanto que a gente não sabia forçar o calculista a fazer o balanço, a peitar e falar, "é possível sim, a gente já viu isso". Hoje a gente tem engenheiros que tem um pensamento até mais parecido com o nosso de arquiteto, o cara quer fazer diferente. Ele é investigativo, hoje mesmo, é um cara mais novo, um dos calculistas que trabalha com a gente, ele tem 32 anos. É um fora da curva, a maioria dos calculistas que a gente trabalha é mais velho e esse cara fala "se você der o mesmo projeto para 20 calculistas vão ser 20 projetos diferentes". Aí eu perguntei, mas como porque parece que não tem muita margem. Aí ele falou "as vezes eu já sei que naquele ponto ali o terreno é mais fraco então eu vou tentar lançar as cargas mais pra aquele lado, uso uma transferência de viga aqui". Então ele falou, tem muito da criatividade do calculista para diminuir o custo. Hoje eu sei quanto a isso, nessa época a gente só sobrepôs desenho, não tinha conflito de estrutura, de instalações com janela, porta. Para a gente a compatibilização era isso. Hoje a gente já consegue ir mais além. Eu to vendo as fotos aqui e to achando que eles não fizeram nem o quarto estendido, que a fachada está plana.

Roberto: Fato é que vocês seguiram fazendo coisas similares né?

Marcelo: Muito. Influenciou muito a estrutura do escritório. Tanto para trabalhar com engenharia, quanto para trabalhar com habitação. A gente ficou muitos anos só mexendo com favela e habitação.

Roberto: Teve outro caso de participativo assim?

Marcelo: Nesse nível não. Depois o povo falava "a gente já viu alguns casos, a participação é só para constar, não muda nada". Mentira. A prefeitura falava, às vezes a própria pessoa do social. Já teve um que foi quase isso, que foi na Barraginha que eu falei várias vezes, que inclusive quem coordenava era a Práxis do Rogério Palhares, a Simone, na época a Simone que era sócia do... acho que o Rogério não ta na Práxis mais. Mas a Simone foi quem comandou esse projeto lá e ela que coordenava as reuniões participativas e eu ia mais para apresentar a evolução, não tinha essas minúcias de fazer dinâmica, ou se tinha eu não acompanhei. Mas lá eu vi que tinha... a assistente social aqui nossa era uma pessoa recém-formada também, ela era muito na negociação tentava conversar "não, vamos ver como a gente faz isso". Lá na barriguinha eu vi um outro tipo de atuação da assistente social, era mais dura, falava "gente, não tem discussão, já falamos isso, não tem abertura para isso". Porque teve um dia por exemplo lá na barriguinha que um cara perguntou onde

que ele ia guardar a charrete e o cavalo dele. A moça eu até achei que ela foi grossa, mas a assistente social falou "olha você vai ter que se virar, aqui não tem lugar para isso, se eu for atender o caso específico de cada um, atender a dificuldade individual de cada um a gente não vai fazer esse projeto nunca. Eu tenho que atender as dificuldades coletivas, isso é um problema individual seu, não tem discussão." Então foi uma atuação um pouco diferente.

[Dados gerais]

Roberto: Mas você participaria outra vez, em algum desses de autogestão?

Marcelo: Hoje a gente... O Gabriel eu acho que teria mais dificuldade assim, avaliando dentro da estrutura da empresa o Gabriel hoje eu acho que não gostaria. Mas eu já falei com ele, Gabriel, mas se tiver uma oportunidade de novo, com um projeto importante... Aí ele falou "olha tem que ter a remuneração adequada para isso". Porque na época a gente recebia para fazer o projeto e no domingo, na parte de organização, a gente tinha o cálculo por m² lá x reais por m², e era adequado para nossa experiência, para o tamanho do projeto. Mas a parte toda de organizar dinâmica, ir lá todo domingo, isso era cansativo. Foi totalmente militância, então hoje a gente tem uma estrutura de escritório, uma estrutura que precisa ter remuneração para sustentar. Eu tenho secretária, eu tenho funcionário... Eu tenho muito custo fixo. Na época eu não pagava aluguel, a sala era emprestada do pai do Felipe que era meu sócio. Hoje a gente tem custo só de aluguel e condomínio são 6 mil reais. A folha hoje eu não lembro, mas a gente já chegou quando o escritório estava muito grande, a gente já chegou a ter o custo fixo mensal de 70 mil reais. Então 70 mil reais têm que entrar todo mês para eu pagar todos os funcionários, então não tem condição da gente fazer militância sem remunerar. Mas o que a gente faria hoje? A gente contrataria alguém experiente nesse tipo de atuação ao invés de botar um funcionário meu que nunca atuou nisso ou ir a gente que não tem tanto tempo.

Roberto: Essa equipe entraria as assistentes sociais?

Marcelo: Sim, a gente subcontrata todo mundo quando a gente tem projetos de...

Roberto: Mas da sua percepção, qual seria essa equipe?

Marcelo: Deixa eu só voltar, eu citei só a Barraginha, mas lá no Maranhão a gente fez um projeto que foi participativo. Eu não lembrei porque eu não estava envolvido com ele porque era uma gerência do Gabriel, mas era um trabalho muito maior, era um bairro gigantesco. Então a reunião com a comunidade era uma sala com 200 pessoas. Tinha a equipe técnica social daqui de BH que ia para lá também fazer o trabalho, a diferença foi que ao invés de ir eu, o Gabriel, o Filipe, ou algum funcionário nosso que está acostumado com projeto do dia a dia a gente contratou arquitetos que já tinham experiência. Então a gente contratou gente que já está acostumada a falar a mesma língua. A equipe era mais ou menos a mesma, tinha advogado, que era inclusive filho da Monica Bede. Esqueci o nome dele. (...) ela gostou muito de trabalhar com a gente. A gente também gostou muito de trabalhar com ela, porque ela valorizava o desenho, a solução de arquitetura.

Então lá no Maranhão a estrutura era muito parecida, era equipe técnico-social, só que mais profissional. O crédito solidário era meio amador, eram recém-formados com uma coordenação. Chegou um momento no crédito solidário que a gente começou a andar meio sozinho, a coordenação da PUC começou a gente tocar, tanto com a arquitetura quanto o social. A Regina parou de ir também nas reuniões e conversava com a Maura só de vez em quando... No Maranhão era muito parecido, era assistente social, advogado... Lá tinha uma questão mais complexa que era de meio ambiente, que era uma favela muito grande. São Luís é o estado mais pobre do Brasil, então a gente estava tratando da capital que tem menos verba, periferia mais desorganizada, era um caos... favela em palafita... A gente não atuou nas palafitas não, porque era em APP. Lá na verdade ainda não terminou, ele ainda está correndo, mas está numa fase chata que é de aprovação do plano social na Caixa Econômica, a Caixa tem que aprovar o projeto é só burocrático. São 3 anos mais ou menos. É uma diferença, o projeto é um porte muito grande, entre 2015 e 2016. O nosso site vai ter os três, se vocês entrarem no site na aba social vai ter o projeto da Barraginha, a Santa Rosa... Lá não tem muita informação porque é mais expositivo, mas vai ter o ano o m² e fotos. O Maranhão deve estar na área de planejamento urbano ou de urbanismo, não sei. Porque lá envolveu uma parte muito grande de redesenhar via. A gente não projetou escola, posto de saúde, mas definiu as áreas.

Roberto: Nesse aspecto de parcelamento vocês tem uma equipe que faz projeto geométrico?

Marcelo: Tem, é esse grupo de engenheiros que está com a gente a mais de 10 anos. Não é interno mas é praticamente fixo. É uma empresa que inclusive foi fundada por um engenheiro que é quase arquiteto, que é o Rodrigo Andrade. Ele que montou essa empresa junto com.... Eu não lembro o nome do pessoal... Chama Urbe Engenharia, a gente atua muito com eles, inclusive em sociedade em algumas licitações muito grandes, como é o caso desse do Maranhão, a gente entra junto. A gente entra com o conhecimento da arquitetura e ele entra com a parte de infraestrutura, enfim, esgoto, abastecimento, tratamento de água... Essa parte toda de infra é dele, a empresa dele diminuiu muito, como todas né. A nossa de 2013 para cá foi uma redução de 75%, a gente tinha 32 funcionários, diminuiu para 4. E a redução dele foi até maior, acho que ele chegou a ter 100 pessoas. Então o corpo técnico dele, que tinha conhecimento do processo... foi todo embora. Então, o que está acontecendo hoje? Quando entra algum projeto as pessoas entram terceirizadas temporárias, as pessoas trabalham 6 meses. O Ricardo que é sócio hoje ele é um engenheiro experiente, mas o conhecimento dele é mais como empresário. A parte técnica, o lado humano ele não sabe, ele sabe a parte burocrática de negociar os prazos, os pagamentos, conhecimento técnico foi embora...

Tem um perfil diferente, a gente vê em algumas empresas. A arquitetura, o dono sempre vai manter a mão. Mesmo que tenha uma equipe grande, a gente ainda vai colocar nossa cara, o trabalho tem a nossa participação. Numa empresa de infraestrutura quando cresce muito o dono acaba se tornando um gestor.

(...)

Teve muita gente antes da crise que se deu mal por causa disso. Porque o negócio começou a crescer, as empresas, o cara começou a falar, pô, o povo está ganhando dinheiro demais, eu aqui como funcionário, tão ganhando em cima de mim. O povo começou a sair, montar negócio, quando veio a crise, dançou, ficou sem emprego, sem trabalho. Quando eu formei eu acho que foi um momento positivo, o pessoal estava muito otimista. Todo mundo da minha turma montou

escritório, todo mundo mesmo. Formaram 70 pessoas juntas, juntou um monte de gente atrasado. Foram 30 escritórios. Depois foi quebrando, tinha gente que não tinha mesmo o know-how.

O que ajudou a gente, lógico que foi uma vantagem, quando a gente montou, todo mundo morava com os pais e os pais tinham condições de bancar. Os seis primeiros meses de escritório, a sala era do pai do Felipe, computador cada um levou de casa, quer dizer, o pai que deu... Os computadores a gente só foi levar no início do segundo ano, no início tinha um computador e três pranchetas. E já rolava AutoCad. Mas a gente conseguiu manter o escritório porque durante os dois primeiros anos que a gente não ganhava nada, todo mundo ainda estava com os pais. Os primeiros seis meses todo mundo botava uns 40 reais para pagar conta, da mesada. A partir de seis meses a gente conseguiu começar a pagar as contas sozinhos, mas não sobrava quase nada. A partir do início do segundo ano, com treze meses assim já sobrava 200 reais para cada um, que na época valia mais do que 200 hoje. Eu lembro que a gente fez um trabalho, cada um ganhou 200 reais... não, foi mais, foi 400 reais cada um. A gente fechou o escritório, foi para a Ilha Grande de ônibus, levando comida e bebida daqui. Aí depois do segundo ano a gente começou a conseguir ganhar uma grana, ajudar a ter condição de ter uma grana razoável, mas eu acho que a virada foi quando o primeiro casou. Foi o Gabriel o primeiro a casar e eu lembro quando ele casou eu comecei a ficar com medo, porque eu vi ele comprando casa, fazendo financiamento... só de ver o outro fazendo isso... Aí convocou uma reunião e falou: "ó, brincadeira agora acabou. Agora eu tenho que ganhar dinheiro que eu tenho conta fixa." Aí eu acho que isso ajudou, porque todo mundo falou: "ó, agora vamos aproveitar". Então nessa hora a gente falou "então a partir de agora, você que é bom nisso..." Antes o que a gente fazia: cada um gerenciava o trabalho, então eu captava uma casa com meu tio, uma lojinha com o amigo do meu tio. O que eu captava eu ganhava 5% em cima, e mais 5% por ser o gerente. O gerente era o trabalho chato de fazer. Aí foi chegando um ponto que eu estava com dois projetos, o Matheus com 2, o Felipe com 3 e o Gabriel com 15, e ele tinha que repassar com a gente. Aí a gente falou "não está dando certo". Vamos fazer, você faz a captação e todo mundo ganha igual. Eu faço financeiro, aí começou a dar certo.

(...)

Nossa formação é meio orgulhosa, a gente tem dificuldade de lidar. Quando a gente foi avisar o Felipe que ele não ia fazer projeto mais, foi um momento de conflito para ele. A gente falou "ó, os projetos que você tá fazendo tão dando mais dificuldade, tão demorando mais a receber." Não é que estava ruim, é que não era o perfil dele ser o gerenciador de prazo, de pagamento. Aí a gente falou "você não vai fazer isso". Aí ele aceitou. Só que aí o consenso nosso é o seguinte: na concepção senta os 3 juntos, o arquiteto da equipe que vai desenvolver senta junto com a gente. E depois que concebeu a gente vai cuidar de outras coisas.

Raul: Você falou que se fosse trabalhar em outro caso de assessoria, entraria na licitação e contrataria um grupo com experiência. Porque o próprio grupo não conseguiria acessar?

Marcelo: É um filtro para participar de projetos de licitação pública. As licitações, para você poder entrar, elas exigem que você comprove experiência. Então quanto maior o projeto, maior a experiência exigida. E você precisa ter ART, mas além da ART, a gente faz um atestado técnico, que a gente faz uma descrição completa do projeto. "O projeto é um conjunto habitacional, que foi feito com a participação da comunidade durante 3 meses". Às vezes um atestado tem três, quatro páginas descrevendo tudo que a gente pode descrever. E a gente registra no CAU a RRT junto com o

atestado. E na hora que por exemplo, o governo do estado vai contratar uma empresa para fazer projeto de escola, ele não quer saber só se você já fez projeto de escola. Tem que comprovar que você tem experiência em escola de pelo menos 5 mil metros quadrados com sistema construtivo metálico, com pelo menos 3 caixas de escada. Ele já sabe mais ou menos qual experiência que ele quer a partir da dificuldade que ele sabe que vai ter no meio do projeto, mas isso é usado para o mal também. Vou dar um exemplo aqui: um arquiteto fez um prédio de habitação social com subsolo. Quantos você já viu? Raríssimo. Em Brasília tem alguns. Então o cara tem um atestado, já está meio que combinado com o órgão, o órgão vai exigir: eu quero uma empresa com experiência em habitação social com subsolo. Ai só tem para ele. Então a dificuldade de quem eu subcontrato é essa, essa é a primeira dificuldade: você tem que comprovar experiência, mas você tem que apresentar uma empresa que tenha todas as CNDs, tem que apresentar trilhões de documentos... Tem documento que você tem que comprovar o faturamento da empresa, licitação as vezes ela não quer...é um contrato não muito grande, ela quer filtrar porque ela não quer uma empresa pequenininha. Então é muita exigência, não só para o arquiteto, para todas as áreas. Então por isso quem é pequeno não consegue entrar. E a gente cresceu devagarzinho. Um dos nossos vizinhos do primeiro prédio era de uma empresa de engenharia de instalações, esse nosso vizinho é de uma empresa de engenharia que cresceu muito. Ele fez para a Copa do Mundo Independência, Mineirão, Expominas... Para fazer um projeto daquele tipo não é qualquer engenheiro e ele quando a gente conheceu era um cara sozinho numa sala de 10m² embaixo da nossa. Um dia descobriu a gente e falou "eu já tenho minha equipe de estrutura, hidráulica elétrica, vocês topam fazer arquitetura?". Aí a gente topou. Fizemos 3 escolas para ele, isso foi dando experiência e a gente fazia subcontratado para ele e ele foi emitindo os atestados para a gente. Então a gente foi montando um acervo de experiência, aí chegou uma hora que ele começou a crescer, virou parceiro do Gustavo pena, aí ele falou "agora não dá mais para trabalhar com vocês, agora vocês vão sozinhos e vocês dão conta de trabalhar com licitação". Aí tinha licitação que eles chamavam de implantação de escola. Tem um projeto padrão, uma escola de tijolinho com duas águas, é um projeto padrão do governo do estado. O projeto de arquitetura era simplesmente fazer uma prancha, um formato A1 de implantação. Estrutura, um formato A1 com a fundação. A superestrutura já tinha, a gente só tinha que fazer fundação. Hidráulica elétrica, mesma coisa, só tinha que ligar na rua. Era um projeto muito simples, na época a gente sofria, me dava taquicardia... A gente demorava 60 dias para gerenciar para fazer um projeto desses. Hoje a gente faz em uma semana fácil. Aí a gente foi entrando nesses pequeninhos, montando um acervo... Na época a gente teve muita sorte, que era uma prática do governo do estado e das prefeituras fazer licitações pequenas, que exigia pouca experiência. Então, ao invés de fazer um contrato por 50 escolas, ela fazia 50 contratos. Depois eles foram discutindo que para eles administrarem internamente era péssimo, porque eram 50 empresas diferentes. Para a gente foi bom que a gente foi ganhando experiência. Hoje é mais difícil, porque hoje eles não fazem contrato para uma escola, uma creche. Eles fazem pacote para cinco... seis...